

ESTRATÉGIAS DA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA PARA APROXIMAÇÃO DOS ESTUDANTES AO MUNDO DO TRABALHO:

Uma pesquisa de intervenção em escolas da educação básica

Gislany Rose Oliveira Nogueira e Santos (Sebrae)
Daniel Paulino Teixeira Lopes (PPGA/CEFET-MG)

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar as ações de uma proposta de Educação Empreendedora (EE) que favoreceu a vinculação de escolas públicas com o território e o mundo do trabalho. Adotou-se uma abordagem qualitativa via pesquisa de intervenção, baseada na análise documental de planos de ação, relatórios e instrumentos do Projeto ALI EE, implementado em 2025 na microrregião de Itaúna, MG, em escolas da Educação Básica. Como resultados, observou-se que as estratégias promoveram aprendizagens contextualizadas, aproximaram estudantes das dinâmicas produtivas locais e contribuíram para o desenvolvimento de competências empreendedoras, além de favorecer o engajamento escolar e ampliar a visão de futuro dos alunos. Como contribuições, o artigo evidencia a ativação do território como estratégia pedagógica relevante para integrar educação, trabalho e prática social, oferecendo subsídios a gestores, professores e formuladores de políticas públicas. Com a pesquisa, amplia-se o debate sobre o papel da escola na preparação para o mundo do trabalho.

Palavras-chave: Educação Empreendedora. Vinculação escola-trabalho. Juventudes. Visão de futuro.

1 INTRODUÇÃO

As juventudes contemporâneas são plurais e heterogêneas, e suas experiências escolares são profundamente influenciadas pelo contexto social e territorial. A escola se configura como um espaço sociocultural estratégico, capaz de articular saberes, identidades e perspectivas de futuro (Almeida; Alves, 2021; Leão; Nonato, 2021; Dayrell, 2016).

A necessidade de integração entre educação, território e práticas sociais dialoga com a proposta dos Pilares da Educação para o Século XXI apresentados pela UNESCO (1996) e também se relaciona com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) estabelecidos pela Organização das Nações Unidas (Nações Unidas Brasil, 2024).

Nesse contexto, iniciativas educacionais que articulam formação, território e experiências sociais contribuem para o desenvolvimento de competências amplas nos jovens, favorecendo sua inserção social e profissional, em consonância com as diretrizes educacionais internacionais e com os objetivos globais de desenvolvimento sustentável.

O Brasil dispõe de importantes marcos legais que reconhecem a preparação para o mundo do trabalho como dimensão essencial da formação integral, como a Constituição Federal (Brasil, 1988), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) e as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), além de referências internacionais como UNESCO e Organizações das Nações Unidas. Esses documentos reforçam a articulação entre educação, cidadania, desenvolvimento humano e práticas sociais.

Apesar disso, observa-se um distanciamento dos estudantes em relação ao mundo do trabalho, com dificuldades na construção de projetos de vida e no engajamento escolar (Almeida; Alves, 2021). Nas escolas, o tema ainda é frequentemente abordado de forma teórica, com poucas práticas que promovam a aproximação efetiva dos jovens, além de uma produção acadêmica ainda limitada e concentrada em experiências pontuais (Carvalho et al., 2022).

Diante desse cenário, contribuições de autores como Perrenoud (1999), Zabala (1998), Gardner (1993) e Freire (1996) destacam a importância do desenvolvimento de competências, da aprendizagem significativa, do protagonismo estudantil e da articulação entre teoria e prática, orientando uma educação mais integrada, contextualizada e voltada à formação integral. Nesse contexto, a Educação Empreendedora emerge como uma possibilidade de superação dessas lacunas. A Educação Empreendedora visa desenvolver o estudante como “agente de mudança por meio de processos de aprendizagem pessoal e profissional, para que atue consciente e responsavelmente na sociedade” (Sebrae, 2020 p. 104).

Nesse cenário, surge o problema de pesquisa: como as ações de uma proposta de Educação Empreendedora, desenvolvida no contexto da Educação Básica, contribuem para a vinculação dos estudantes com o território e o mundo do trabalho.

O objetivo deste artigo é analisar as ações de uma proposta de Educação Empreendedora que favoreceram a vinculação de escolas da rede pública com o território e o mundo do trabalho. A pesquisa articula resultados identifica impactos no engajamento escolar, no desenvolvimento de habilidades empreendedoras e na ampliação da visão de futuro dos estudantes. Além disso, o estudo observa como essas práticas são captadas e como posiciona a escola de educação básica como parte integrante do ecossistema empreendedor.

Serão realizadas reflexões que ampliem a percepção e as possibilidades de se fazer uma educação que atenda às demandas das juventudes do nosso tempo. Uma juventude diversa que tem acesso a um volume de informações muito grande todos os dias e informações que podem vir de diversas fontes e territórios. A aproximação com o mundo do trabalho é importante para a formação dos sujeitos e o estabelecimento de relações sociais em um contexto em que muitos não estão familiarizados: “o trabalho é central para a formação dos sujeitos e uma experiência essencial para os processos de socialização humana” (Nonato; Corrochano, 2021, p. 13). A discussão da experiência do trabalho nos espaços educativos, suas possibilidades e o desenvolvimento de competências e habilidades que serão importantes neste universo se apresentam como uma necessidade fundamental.

O artigo contribui para o campo da Educação Empreendedora por ampliar a reflexão sobre práticas pedagógicas que respondam às demandas das juventudes, integrando educação, território e práticas sociais. Sua originalidade está na análise de experiências concretas de escolas participantes do Projeto ALI Educação Empreendedora em um recorte territorial específico, com fundamentação na área da educação, promovendo aproximação com o campo. O ALI evidencia o potencial da Educação Empreendedora para desenvolver experiências alinhadas às realidades dos estudantes, contribuindo para a construção de conhecimento.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura que fundamenta este estudo conduz, inicialmente, à compreensão das juventudes como categoria plural, marcada por diferentes perfis, experiências e condições

sociais que precisam ser consideradas no contexto das escolas públicas. Em seguida, o referencial teórico mobiliza a análise de alguns marcos legais da educação brasileira, os quais reafirmam a necessidade de que a formação escolar esteja articulada, vinculada e em diálogo permanente com o mundo do trabalho, de modo a favorecer a formação integral e a preparação dos estudantes para a vida social e profissional.

2.1 Juventudes, escola e mundo do trabalho: protagonismo juvenil e construção de projetos de vida

No âmbito da educação básica, a escola, em sua função social, é convocada a responder às demandas do tempo presente, assegurando processos formativos que dialoguem com as transformações sociais e com as expectativas dos estudantes. Para isso, torna-se fundamental conhecer as características, os interesses e as formas de aprender dos jovens. No contexto contemporâneo, a diversidade de trajetórias juvenis desafia a escola a organizar práticas pedagógicas capazes de garantir tanto a aprendizagem quanto o desenvolvimento integral dos estudantes. Nessa perspectiva, pensar as juventudes implica construir processos educativos dialógicos e relacionais, desenvolvidos com os estudantes, que reconheçam seus saberes, experiências e potencialidades, considerando-os sujeitos ativos do processo de aprendizagem no tempo presente (Freire, 1983).

Uma educação inovadora, comprometida com a formação humana, deve articular intencionalmente cultura, trabalho, participação social e projeto de vida, fortalecendo o protagonismo juvenil e preparando os jovens para atuar de forma crítica, ética e responsável na sociedade, o principal ponto que diferencia a construção de uma Pedagogia das Juventudes é a defesa e a prática da educação entendida como formação humana. Essa perspectiva valoriza uma concepção de juventude baseada no reconhecimento dos jovens como sujeitos ativos e essenciais no processo educativo. Assim, o desenvolvimento integral do ser humano é priorizado, considerando que os jovens possuem direitos e devem ocupar um papel central em toda a dinâmica da educação (Freire, 1996, Dayrell, 2016).

A reflexão sobre as juventudes, marcadas por características, trajetórias e expectativas diversas, conduz à necessidade de analisar as orientações legais que estruturam a educação formal destinada a esse público heterogêneo. Nesse sentido, a legislação educacional brasileira indica que a educação escolar deve manter vinculação com o mundo do trabalho, sem que isso implique treinamento precoce ou formação direta de mão de obra. Trata-se, antes, de um princípio formativo que reconhece o trabalho como dimensão constitutiva da vida social, da cidadania e do desenvolvimento humano. De modo geral, essa vinculação é compreendida como a articulação entre os conhecimentos escolares, a realidade social, o território e as práticas sociais e produtivas, possibilitando aos estudantes compreender o funcionamento da sociedade, construir sua identidade, realizar escolhas conscientes e elaborar projetos de vida viáveis (Nonato; Dayrell; 2021, Corrêa; Alves; Maia, 2014, Nonato e Corrochano, 2021. Almeida; Alves, 2021)

Os marcos legais brasileiros, ao longo das últimas décadas, vêm tentando incorporar alguns dos aspectos discutidos nesta seção, conforme se observa a seguir.

2.2. Marcos legais sobre a Educação Escolar e a vinculação com o território e o mundo do trabalho

A vinculação da educação escolar com o território e com o mundo do trabalho deve ser analisada a partir da função social da escola, que não se restringe à formação de mão de obra para o mercado. A escola tem como finalidade a formação de cidadãos, orientando-se, no contexto brasileiro, pelo princípio da educação integral. Nessa perspectiva, conhecer o mundo do trabalho constitui dimensão essencial do desenvolvimento humano, pois contribui para a construção da identidade, da autonomia e da participação social dos estudantes (Brasil, 1996; Munhoz; Melo-Silva, 2012).

A Constituição Federal de 1988 estabelece, em seu artigo 205, que a educação é direito de todos e dever do Estado e da família, sendo promovida com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, ao preparo para o exercício da cidadania e à qualificação para o trabalho (Brasil, 1988). Tal definição evidencia que a qualificação para o trabalho integra o processo formativo, sem se dissociar da formação humana integral.

Já a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) reforça essa compreensão, ao afirmar que a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem, entre outros espaços, no trabalho e na convivência social (Brasil, 1996). O §2º do artigo 1º explicita que a educação escolar deve vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social, reafirmando a indissociabilidade entre formação escolar, realidade social e território. No mesmo sentido, em seu artigo 2º, destaca que “a educação tem como finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1996).

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC reafirma o compromisso com a educação integral ao considerar a diversidade das infâncias e juventudes e a complexidade dos processos formativos (Brasil, 2018). O documento destaca que as competências gerais se articulam ao longo de toda a Educação Básica, integrando conhecimentos, habilidades, atitudes e valores. A Competência Geral 6 - Trabalho e Projeto de Vida - evidencia a necessidade de práticas educativas que auxiliem os estudantes a compreender o mundo do trabalho, planejar o futuro e atuar de forma responsável na sociedade, reforçando os fundamentos legais que orientam propostas de Educação Empreendedora articuladas ao território e ao mundo do trabalho.

Para além dos marcos legais, programas específicos podem contribuir de forma significativa para a vinculação da educação escolar ao mundo do trabalho, especialmente quando assumem o trabalho como dimensão formativa e social e promovem a articulação entre escola, território e projetos de vida dos estudantes. Nesse contexto, a Educação Empreendedora emerge como uma abordagem pedagógica que potencializa essa vinculação, ao favorecer o desenvolvimento de competências, a autonomia e a compreensão crítica do mundo do trabalho, aspectos que serão aprofundados na seção a seguir.

2.3. Educação Empreendedora como abordagem pedagógica: contribuições para a formação integral e articulação com o mundo do trabalho

A Educação Empreendedora (EE), no cenário da Educação Básica, é compreendida como uma abordagem pedagógica intencional voltada ao desenvolvimento de competências que transcendem a visão limitada da criação de novos negócios. Segundo as diretrizes do Sebrae (2020), essa perspectiva orienta-se para o fortalecimento da autonomia, da iniciativa, da criatividade e da responsabilidade, capacitando o estudante para a tomada de decisões

conscientes e éticas em diferentes esferas da vida. Trata-se de uma formação que busca preparar sujeitos capazes de identificar oportunidades e resolver problemas de forma colaborativa, integrando projetos pessoais, sociais e profissionais em uma perspectiva de sustentabilidade e que tem como foco o desenvolvimento das competências empreendedoras ao longo de toda a educação básica. A ideia é desenvolver as competências empreendedoras a exemplo do que acontece com as demais competências listadas na BNCC.

A Educação Empreendedora também pode ser compreendida como um processo formativo que favorece o desenvolvimento da autorrealização e a capacidade de reflexão sobre a própria trajetória de vida (Carvalho et al., 2022). Práticas educativas orientadas por essa lógica contribuem para a formação de sujeitos ativos, capazes de identificar possibilidades de ação e participar de forma responsável da vida social e profissional (Carvalho et al., 2022). Assim, a Educação Empreendedora aproxima-se de uma proposta de formação humana integral ao articular o desenvolvimento pessoal com uma compreensão ampliada das dinâmicas laborais contemporâneas.

A Educação Empreendedora sugere um modelo de ensino inovador, deslocando o foco da transmissão passiva de conteúdos para o processo de construção de aprendizagem pelo estudante. Conforme defendido por Schaefer e Minello (2016), esse modelo fundamenta-se em premissas como o "aprender a aprender", a experimentação e a contextualização, onde o aluno assume o protagonismo e o professor atua como mediador e facilitador.

Apesar do seu potencial transformador, a produção científica revela que a Educação Empreendedora na Educação Básica ainda é um campo em consolidação. Estudos de revisão sistemática indicam um número reduzido de pesquisas e uma predominância de análises de casos isolados, o que reforça a necessidade de investigações mais robustas (Carvalho et al., 2022). Os principais desafios identificados incluem a gestão escolar, a formação de professores e a dificuldade de integração entre a escola e os demais atores da comunidade.

Levando em consideração a literatura pesquisada, entende-se que a Educação Empreendedora como abordagem pedagógica contribui para a formação integral ao permitir que o estudante construa projetos de vida significativos e compreenda o mundo do trabalho em sua complexidade. Ela atua como uma estratégia de vinculação que utiliza o desenvolvimento de competências - como autonomia, resiliência e reflexão crítica - para preparar o jovem para interferir de forma inovadora e ética na sociedade e construir projetos de futuro.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A abordagem metodológica adotada neste estudo configura-se como uma pesquisa de intervenção de caráter participativo, cuja lógica se aproxima da pesquisa-ação clássica e de outras metodologias intervencionistas (Thiollent, 2011; Pinto et al., 2012). O percurso empírico estruturou-se em ciclos análogos aos de pesquisas de intervenção, como diagnóstico da realidade, planejamento coletivo, implementação de ações e avaliação reflexiva de seus efeitos, buscando simultaneamente produzir conhecimento e promover transformação no contexto estudado.

As intervenções foram conduzidas pela primeira autora deste artigo em 2025, na condição de bolsista do Projeto ALI Educação Empreendedora do Sebrae (2024), orientando metodologicamente as ações e integrando os grupos de trabalho de todas as escolas envolvidas.

A adesão das escolas ao projeto ocorreu de forma voluntária e formalizada, precedida por um processo de sensibilização que resultou na constituição de um Grupo de Trabalho (GT) em cada instituição. Esses grupos foram formados por atores do universo escolar, com a orientação de que fossem selecionados profissionais de diferentes setores, com perfil inovador, reconhecidos como referências positivas e com capacidade de promover engajamento na comunidade escolar. Cada GT foi composto por, no mínimo, três participantes.

A pesquisa foi desenvolvida por meio de ciclos contínuos de ação e reflexão. A Etapa 1 – Preparação, realizada em quatro encontros, tem como objetivo analisar o cenário, conhecer o ecossistema e aplicar ferramentas estratégicas de diagnóstico, como o Radar ALI de Inovação (dimensões Tecnologias, Competências e Engajamento), o Radar CER (dimensões Atores, Cultura, Recursos, Estrutura e Políticas Públicas), a Matriz de Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças (FOFA) e a Matriz de Gravidade, Urgência e Tendência (GUT). A Etapa 2 – Planejamento, desenvolvida em dois encontros, destina-se à construção do plano de ação, à busca de parcerias e à identificação de projetos e pessoas alinhadas à proposta, tanto no ambiente interno quanto externo. Na Etapa 3 – Realização, ao longo de seis encontros, ocorre o acompanhamento da implementação do plano de ação, a execução das ações previstas e os ajustes necessários ao longo do processo. Por fim, a Etapa 4 – Avaliação, composta por dois encontros, envolve a análise das ações desenvolvidas, a aplicação de diagnósticos de inovação e do radar final, bem como a realização de momentos de feedback, reflexão e análise crítica dos efeitos produzidos.

Assim, foram realizados um total de 14 encontros, todos previamente agendados e organizados a partir de propostas específicas. A intervenção foi realizada em um ambiente seguro, fundamentado na escuta ativa, no qual os grupos foram convidados a observar a realidade escolar de forma atenta e cuidadosa. A partir dos resultados obtidos, foram identificados os desafios considerados prioritários por cada comunidade escolar e, de maneira coletiva, elaborados planos de ação com o objetivo de intervir nos problemas evidenciados, em consonância com os princípios de metodologias de intervenção, que valorizam a participação ativa dos sujeitos envolvidos. No processo de construção das soluções, foram mapeados e mobilizados atores do ecossistema local capazes de contribuir para o enfrentamento dos desafios identificados, favorecendo a criação de conexões estratégicas e o fortalecimento tanto do Ecossistema de Educação Empreendedora quanto do Ecossistema de Inovação (Sebrae, 2020).

Em relação ao contexto empírico, o estudo delimitou-se à Microrregião de Itaúna, especificamente nos municípios de Itaúna e Pará de Minas. O recorte territorial considerou estratégias voltadas à aproximação entre escola, comunidade, setor produtivo, instituições parceiras e demais atores locais, bem como as escolas que incorporaram tais estratégias em seus planos de trabalho.

Foram selecionadas para este artigo seis escolas que atenderam ao seguintes critérios: oferta do Ensino Fundamental II (anos finais) e do Ensino Médio; identificação, na análise de cenário, de preocupações relacionadas à ausência de visão de futuro dos estudantes e à fragilidade na construção de projetos de vida; reconhecimento de dificuldades enfrentadas pelos alunos para romper com percursos familiares historicamente estabelecidos; e inserção, nos planos de ação, de iniciativas explicitamente vinculadas ao mundo do trabalho, em particular, com o objetivo de desenvolver a competência empreendedora Visão de Futuro.

Além da vivência com as intervenções, a coleta de dados foi baseada na análise documental, cujo conteúdo foi analisado a partir das seguintes categorias: etapas do processo e dos documentos produzidos: ator responsável pela captação da ação; visão de futuro, engajamento, relação escola–território; aproximação com o mundo do trabalho; impacto no projeto de vida. Essas categorias permitiram compreender como as ações desenvolvidas contribuíram para a articulação entre escola, território e mundo do trabalho, bem como para o desenvolvimento integral dos estudantes. A seção de resultados a seguir está intencionalmente organizada de acordo com as etapas de intervenção ao invés de categoria de análise, de modo a facilitar o entendimento do(a) leitor(a) e situar os dados no tempo e no espaço.

4 RESULTADOS

As escolas participantes ofertam o Ensino Fundamental 2 – anos finais (6º ao 9º ano) e o Ensino Médio (1º ao 3º ano), atendendo estudantes com idades aproximadas entre 12 e 17 anos, inseridos em contextos sociais, culturais e econômicos diversos. Em relação ao nível de atendimento uma escola estadual e duas municipais atendiam o Fundamental I séries iniciais, todas atendiam Fundamental II ou séries finais e quatro atendiam até o Ensino Médio. Quatro escolas atendiam Fundamental II e Ensino Médio e três escolas atendiam Fundamental 1 e 2 conforme Quadro 1.

Quadro 1 - Relação das escolas participantes do estudo

	Escola	Nível de Ensino	Objetivo geral no plano de ação do ALI
1	Escola 1 - Estadual	Fundamental 1-2 e EM	Promover visão de futuro nos alunos com ações que desenvolvam projeto de vida, autonomia, inovação e atitude empreendedora.
2	Escola 2 - Estadual	Fundamental 2 e EM	Despertar nos alunos visão de futuro por meio de ações que incentivem projeto de vida, autonomia, inovação e atitude empreendedora
3	Escola 3 - Estadual	Fundamental 2 e EM	Despertar nos alunos a visão de futuro por meio de ações que promovam reflexão, protagonismo e atitude empreendedora
4	Escola 4 - Municipal	Fundamental 2 e EM	Promover a inovação educacional e o empreendedorismo, com inspiração em histórias reais que ampliem a visão de futuro dos alunos.
5	Escola 5 - Municipal	Fundamental 1 e 2	Desenvolver ações empreendedoras que ampliem horizontes e visão de futuro, incentivando estudantes a construir novas possibilidades de vida
6	Escola 6 - Municipal	Fundamental 1 e 2	Transformar a antiga sede em espaço inovador que desenvolva competências empreendedoras e visão de futuro com alunos protagonistas e parcerias.

Fonte: dados da pesquisa.

Os GTs dessas escolas foram formados por profissionais pertencentes a diferentes setores do ambiente escolar, selecionados com base em critérios como perfil inovador, reconhecimento positivo na comunidade e capacidade de promover engajamento. Cada GT foi composto por, no mínimo, três participantes, responsáveis por planejar, acompanhar e avaliar as ações desenvolvidas, em diálogo com a comunidade escolar e com os atores do território.

As ações propostas e implementadas pelas escolas tiveram como foco a aproximação dos estudantes com o mundo do trabalho e com as dinâmicas produtivas locais. Entre elas, destacam-se visitas técnicas, palestras e rodas de conversa sobre o mundo do trabalho, atividades de educação financeira, orientação para elaboração de currículo, preparação para entrevistas e processos seletivos, bem como a apresentação de oportunidades formativas e profissionais oferecidas por instituições parceiras. Essas ações foram desenvolvidas de forma contextualizada, considerando as especificidades de cada escola e as características do

território em que estão inseridas, e foram voltadas para os alunos do 8º e 9º ano Ensino Fundamental II e alunos do Ensino Médio.

Dessa forma, o grupo de escolas analisado caracteriza-se por instituições que perceberam a importância de articular educação, território e mundo do trabalho como parte do processo formativo dos estudantes. Ao incorporar essas dimensões em seus planos de ação, as escolas assumem um papel ativo no ecossistema local, contribuindo para a ampliação das experiências educativas, para o fortalecimento do protagonismo juvenil e para a construção de projetos de vida mais consistentes e socialmente referenciados. As ações foram ajustadas conforme a faixa etária do público-alvo.

4.1 Etapa 1 - Preparação

A etapa de Preparação do Projeto ALI Educação Empreendedora foi estruturada em quatro encontros presenciais. Essa etapa teve como finalidade criar condições para uma leitura crítica da realidade escolar das vinte e uma escolas atendidas pelo projeto ALI, possibilitando a construção coletiva do problema e o aprofundamento da compreensão dos contextos nos quais as ações seriam desenvolvidas.

Os encontros de preparação tiveram como foco a análise do cenário escolar, o conhecimento do ecossistema territorial, a escuta ativa dos atores envolvidos e a aplicação dos diagnósticos de inovação e do radar de competências. Esses elementos configuraram-se como dispositivos centrais da pesquisa, na medida em que favoreceram a produção de dados iniciais, a problematização da realidade e o envolvimento dos sujeitos no processo investigativo. Ao articular escuta, análise contextual e instrumentos diagnósticos, a etapa de preparação ultrapassou uma abordagem meramente introdutória, configurando-se como um momento metodologicamente estruturante do processo.

O primeiro encontro assumiu papel central na identificação inicial dos problemas, ainda que de forma implícita. Ao priorizar a apresentação dos participantes e a construção de um ambiente de confiança, esse momento criou condições para que resistências fossem trabalhadas e para que os profissionais se sentissem seguros para expor fragilidades, tensões e desafios vivenciados no cotidiano escolar.

No segundo encontro, com a aplicação das ferramentas digitais de diagnóstico - Radar Ali e Radar CER-, evidenciou-se de forma mais clara a etapa de levantamento e análise dos dados iniciais. As discussões geradas a partir das perguntas problematizadoras favoreceram um processo reflexivo coletivo, no qual os participantes passaram a reconhecer padrões, desafios recorrentes e aspectos estruturais das escolas. O diagnóstico denominado T0 funcionou como linha de base, permitindo não apenas a compreensão da situação inicial, mas também a possibilidade de acompanhamento da evolução ao longo do processo, característica alinhada à lógica cíclica das pesquisas de intervenção.

O terceiro encontro foi dedicado às devolutivas da aplicação dos diagnósticos iniciais, configurando-se como um momento decisivo para a percepção compartilhada da realidade escolar. A socialização e discussão dos resultados possibilitaram que os participantes se reconhecessem nos dados apresentados, aproximando as informações produzidas pelos instrumentos diagnósticos das vivências cotidianas das escolas. Esse processo favoreceu a

leitura crítica do cenário e contribuiu para a consolidação dos problemas de forma mais objetiva e contextualizada.

O quarto encontro foi marcado pela aplicação das matrizes FOFA e GUT, aprofundando a análise e a organização dos problemas identificados ao longo da etapa de preparação. Embora tenha sido evidenciada dificuldade inicial - especialmente no processo de hierarquização, dado que muitos participantes consideravam todos os problemas igualmente relevantes, esse momento revelou aspectos significativos da realidade escolar. As discussões evidenciaram que os desafios extrapolaram o campo pedagógico, abrangendo questões socioemocionais, vulnerabilidades sociais e a ausência de perspectivas futuras para os estudantes. A utilização de recursos visuais, como *banners* e *post-its*, potencializou a participação e a construção coletiva da análise, aproximando-se do que a pesquisa-ação define como produção compartilhada do conhecimento. Além disso, o reconhecimento das forças institucionais e das oportunidades presentes no ecossistema local contribuiu para uma leitura mais equilibrada da realidade, evitando diagnósticos centrados exclusivamente nas fragilidades.

Dessa forma, a etapa de preparação do ALI possibilitou a construção coletiva dos problemas, o levantamento sistemático de dados iniciais e a análise contextualizada dos cenários escolares das vinte e uma escolas participantes. Os quatro encontros configuraram-se como um investimento necessário para fundamentar as etapas subsequentes do projeto, assegurando coerência entre diagnóstico, planejamento e objetivos da intervenção.

Ainda na etapa de Preparação, a análise das matrizes GUT evidencia que a fragilidade da visão de futuro e da percepção de oportunidades constitui um problema relevante e recorrente em quatro das escolas analisadas, assumindo elevada prioridade de intervenção. Em algumas unidades, a ausência de perspectiva dos estudantes é explicitada como falta de compreensão das possibilidades educacionais e profissionais disponíveis, alcançando pontuação máxima na Matriz GUT, o que indica alta gravidade, urgência e tendência de agravamento.

O Quadro 2 sintetiza os resultados de cada escola, que reforçam a urgência de ações educativas que ampliem as perspectivas de futuro e posicionem a escola como um espaço de construção de oportunidades e projetos de vida.

Quadro 2 : Síntese Analítica da Matriz GUT das Escolas

Problema Identificado	G	U	T	Resultado	Evidência
Falta de visão de futuro e percepção de oportunidades por parte dos estudantes	5	5	4	100	Escola 1
Estudantes priorizam o trabalho imediato em detrimento dos estudos (projeto de vida limitado ao curto prazo)	5	5	4	100	Escola 2
Tempo Integral- Como os alunos precisam trabalhar, muitos saem da escola em função dele.	3	5	2	30	Escola 3
Internet de baixa qualidade	5	5	4	100	Escola 4
Visão de futuro das famílias- Conformados com a realidade, não percebem perspectivas de mudança através da escola	5	5	4	100	Escola 5
Dificuldades em romper com os padrões familiares - Internet - o prédio novo ainda não tem acesso	5	5	4	100	Escola 6

Fonte: dados da pesquisa.

Um fato que chama atenção é o vínculo geracional nas escolas, que sugere um papel da instituição como reprodutora social. Ao atender diversas gerações da mesma família, a escola muitas vezes acaba repetindo as trajetórias sociais dos alunos, mantendo as mesmas condições e perspectivas de vida entre pais e filhos. Apesar de ser um espaço de aprendizado e socialização, a escola, sem ações transformadoras, pode acabar perpetuando padrões de comportamento e crenças que dificultam o rompimento com as condições de origem. Isso destaca a urgência de práticas pedagógicas que ampliem os horizontes dos estudantes e realmente promovam a mudança social.

A aplicação da Matriz GUT nos diagnósticos institucionais revela que a fragilidade da visão de futuro e da percepção de oportunidades entre os discentes é um problema de prioridade máxima, atingindo a pontuação crítica de 100 pontos em diversas unidades analisadas. Esta condição é classificada com grau máximo de gravidade e urgência ($G=5$; $U=5$), pois a ausência de perspectivas estruturadas, frequentemente reforçada por um ambiente familiar conformado, induz à priorização do trabalho imediato de sobrevivência em detrimento da formação acadêmica. A tendência de agravamento ($T=4$) em cenários de vulnerabilidade social evidencia que a simples existência de recursos e parcerias não garante sua apropriação; é necessária uma estratégia educativa intencional que converta as oportunidades disponíveis em trajetórias de vida compreensíveis para os alunos. Portanto, a análise pela Matriz GUT sinaliza que o desenvolvimento de competências voltadas ao planejamento de médio e longo prazo é o eixo prioritário para reverter o de "futuro encurtado" e promover o real protagonismo estudantil. Nas escolas 4 e 6 não foi possível evidenciar a preocupação da escola com a visão de futuro na matriz GUT, porém era uma preocupação durante as reuniões embora que por motivos diferentes. Na escola 4 a grande questão era a vulnerabilidade social em função de um ambiente imerso em realidades de tráfico, na escola 2 a baixa visão de futuro se dava em função de ser uma escola rural e onde as famílias apresentavam poucas expectativas em função do baixo capital cultural.

Para concluir as análises relativas à etapa de preparação, as matrizes FOFA das escolas mostraram que existe uma percepção de que o desenvolvimento de competências empreendedoras no contexto escolar, especialmente no que tange à visão de futuro e à identificação de oportunidades, revela-se como um eixo central para a transformação da realidade dos estudantes em situação de vulnerabilidade. A análise das instituições demonstra que, embora exista um ambiente denso em oportunidades formativas - materializadas em parcerias com o SEBRAE e o SENAI, além de plataformas como o "Se Liga na Educação" -, há um persistente descompasso entre a oferta desses recursos e a sua efetiva apropriação por parte dos alunos. Essa lacuna é alimentada por uma fragilidade estruturante na visão de futuro, onde o imediatismo imposto pelas necessidades socioeconômicas frequentemente sobrepõe o planejamento acadêmico ao desejo de inserção precoce no mercado de trabalho. Portanto, o êxito institucional depende de uma mediação pedagógica intencional que utilize as forças das equipes gestoras para conectar os projetos de vida dos discentes às trajetórias possíveis, traduzindo as oportunidades disponíveis em caminhos concretos de mobilidade social e protagonismo.

4.2 Etapa 2- ALI Planejamento de ações -- 2 encontros

A seleção das ações estratégicas fundamenta-se nos resultados críticos obtidos por meio das matrizes GUT e FOFA, que apontaram a fragilidade da visão de futuro e da percepção de

oportunidades como o principal entrave ao desenvolvimento pleno dos estudantes. Diante de um cenário onde o imediatismo e a vulnerabilidade social frequentemente limitam o planejamento de médio e longo prazo, as intervenções foram desenhadas para servir como uma mediação pedagógica intencional entre os recursos disponíveis e a realidade discente. O objetivo central, articulado entre as gestões escolares e o Projeto ALI Educação Empreendedora, é despertar o protagonismo e a atitude empreendedora através da construção de projetos de vida sólidos e inovadores.

A implementação das ações selecionadas relacionadas no Quadro 3 - desde visitas técnicas ao SENAI e UFV. FAPAN, SNCT (Semana Nacional de Ciências e Tecnologias) da Fiocruz, Inhotim, entre outras, até workshops de educação financeira e rodas de conversa com ex-alunos de sucesso - visa converter o potencial das instituições em caminhos concretos de percepção da mobilidade social.

Ao fortalecer a conexão entre a escola, a família e o mundo do trabalho, essas iniciativas buscam romper ciclos de conformismo e ampliar os horizontes dos estudantes, garantindo que as oportunidades educacionais já existentes se tornem reais ao serem percebidas como possíveis. Dessa forma, a escola reafirma sua função social de transformar trajetórias, permitindo que os alunos se reconheçam como agentes ativos de seu próprio futuro e percebam o trabalho como fonte de realização pessoal e contribuição social.

4.3 Etapa 3 - Realizar - Execução das ações-Observação sistemática - 6 encontros

A terceira etapa, denominada "Realizar", marcou a transição do diagnóstico para a intervenção, estruturando-se em seis encontros. Este processo não se limitou à execução mecânica de tarefas, mas envolveu uma observação sistemática e um acompanhamento rigoroso da implementação dos planos de ação, permitindo ajustes em tempo real conforme as demandas das seis instituições de ensino envolvidas. Durante essa fase, a resposta do corpo discente superou as expectativas iniciais. A fragilidade na visão de futuro começou a ser combatida através de uma mediação pedagógica intencional. As ações previstas, que incluíram desde cursos do Sebrae até o projeto "Portas Abertas para o Futuro" com empresas como a Alfa Engenharia e parcerias com o CDE/Uninter para testes vocacionais, despertaram um interesse genuíno nos alunos.

Observou-se que o que inicialmente se restringia a intervenções pontuais expandiu-se organicamente devido à repercussão positiva. O interesse dos estudantes manifestou-se de forma proativa: ao final das palestras e visitas técnicas - como as realizadas ao SENAI e à UFV/CEDAF - era comum que os alunos buscassem os representantes das empresas e palestrantes para aprofundar conhecimentos e buscar orientações de carreira. Esse comportamento ataca diretamente a fraqueza da "baixa percepção de oportunidades" e o "conformismo" citados nos diagnósticos das escolas.

Um fator de sucesso desta etapa foi a resposta do território. A rede de parceiros, que engloba, SENAI, Secretarias Municipais (Educação, Cultura, Meio Ambiente e Saúde), além de empresas privadas e universidades, demonstrou total disponibilidade para replicar as ações em todas as unidades escolares. A observação sistemática permitiu concluir que as ações executadas criaram um "solo fértil" para a reconstrução do projeto de vida dos alunos. Ao transformar os tablets e as parcerias institucionais em instrumentos de aprendizagem concretos, a etapa 'Realizar' teve a função de dar um sentido prático ao processo educativo.

Quadro 3 - Articulação do Plano de Ação do ALI com o Mundo do Trabalho

Nível de ensino	Ações previstas que se vinculavam ao mundo do trabalho	Forma de viabilizar	Responsável captação	Empresa parceira
ESCOLA 1 Fund 1-2 e EM	1. Cursos do SEBRAE no Portal	SEBRAE	ALI- SEBRAE	SEBRAE
	2. Portas Abertas para o Futuro: Empresas Que Inspiram- Alfa Engenharia	PARCERIA	ALI- SEBRAE	ALFA ENGENHARIA
	3. Aplicação de Teste Vocacional com parceria CDE/Uninter	PARCERIA	ALI- SEBRAE	CDE/Uninter
	4. Descomplicando o Currículo: Tudo que você precisa saber para começar	PARCERIA	ALI- SEBRAE	AVL-Empresa de RH
	5. Seja você na entrevista: Dicas para impressionar sem forçar	PARCERIA	ALI- SEBRAE	AVL-Empresa de RH
	6. Educação Financeira: Gestão de Finanças Pessoais- Comportamentos Assertivos	PARCERIA	ALI- SEBRAE	SICOOB
	Distribuição de Gibis Educativos - tema Educação Empreendedora	SEBRAE	ALI- SEBRAE	SEBRAE
ESCOLA 2 FUND 2 e EM	1. Cursos do SEBRAE no Portal	SEBRAE	ALI- SEBRAE	SEBRAE
	2. Portas Abertas para o Futuro: Empresas Que Inspiram- Alfa Engenharia	PARCERIA	ALI- SEBRAE	ALFA ENGENHARIA
	3. Portas Abertas para o Futuro: Empresas Que Inspiram - MODELAGEM NOVA	PARCERIA	ALI- SEBRAE	MODELAGEM NOVA
	4. Sua jornada, suas escolhas: o futuro profissional é flexível- Mère	PARCERIA	ALI- SEBRAE	MÈRE Consultoria RH
	5. Aplicação de Teste Vocacional com parceria CDE/Uninter	PARCERIA	ALI- SEBRAE	CDE/Uninter
	6. Descomplicando o Currículo: Tudo que você precisa saber para começar	PARCERIA	ALI- SEBRAE	AVL-Empresa de RH
	7. Seja você na entrevista: Dicas para impressionar sem forçar	PARCERIA	ALI- SEBRAE	AVL-Empresa de RH
	8. Educação Financeira: Gestão de Finanças Pessoais- Comportamentos Assertivos	PARCERIA	ALI- SEBRAE	SICOOB
	9. Distribuição de Gibis Educativos - tema Educação Empreendedora	SEBRAE	ALI- SEBRAE	SEBRAE
	10. Roda de Conversa com Ex-alunos de Sucesso	EQUIPE ESCOLA	GT	COMUNIDADE
	11.Encontro INOVA-AÇÃO	EQUIPE ESCOLA	GT	COMUNIDADE
ESCOLA 3 FUND 2 e EM	1. Cursos do SEBRAE no Portal	SEBRAE	ALI- SEBRAE	SEBRAE
	2. Portas Abertas para o Futuro: Empresas Que Inspiram- Alfa Engenharia	PARCERIA	ALI- SEBRAE	ALFA ENGENHARIA
	3. Aplicação de Teste Vocacional com parceria CDE/Uninter	PARCERIA	ALI- SEBRAE	CDE/Uninter
	4. Descomplicando o Currículo: Tudo que você precisa saber para começar	PARCERIA	ALI- SEBRAE	AVL-Empresa de RH
	5. Seja você na entrevista: Dicas para impressionar sem forçar	PARCERIA	ALI- SEBRAE	AVL-Empresa de RH
	6. Educação Financeira: Gestão de Finanças Pessoais- Comportamentos Assertivos	PARCERIA	ALI- SEBRAE	SICOOB
	7.Distribuição de Gibis Educativos - tema Educação Empreendedora	SEBRAE	ALI- SEBRAE	SEBRAE
ESCOLA 4 FUND 2 e EM	1. Cursos do SEBRAE no Portal	SEBRAE	ALI- SEBRAE	SEBRAE
	2. Visita Técnica ao SENAI – Explorando Profissões do Futuro	PARCERIA	ALI- SEBRAE	SENAI
	3. Explorando Futuros: Visita à Mostra de Profissões -	PARCERIA	GT	UFV/CEDAF

Nível de ensino	Ações previstas que se vinculavam ao mundo do trabalho	Forma de viabilizar	Responsável captação	Empresa parceira
	4. Distribuição de Gibis Educativos - tema Educação Empreendedora	SEBRAE	ALI- SEBRAE	SEBRAE
	5. Roda de Conversa com Ex-alunos de Sucesso	EQUIPE ESCOLA	GT	COMUNIDADE
ESCOLA 5 FUND 1 e 2	1. Cursos do SEBRAE no Portal	SEBRAE	ALI- SEBRAE	SEBRAE
	2. ConectaFuturo: Roda de Conversa com Ex-Alunos que Inspiram- Clayton Silva visita FAPAM	EQUIPE ESCOLA	GT	FAPAM
	3. ConectaFuturo: Roda de Conversa com Ex-Alunos que Inspiram - Léo Xavier	EQUIPE ESCOLA	GT	GT
	4. Distribuição de Gibis Educativos - tema Educação Empreendedora	SEBRAE	ALI- SEBRAE	SEBRAE
	5. Visita Técnica ao SENAI – Explorando Profissões do Futuro	PARCERIA	ALI- SEBRAE	SENAI
	6. Encontro INOVA-AÇÃO : visita à FAPAM	PARCERIA	GT	FAPAM
	7. Inhotim: uma janela para o mundo – arte, cultura e novos caminhos	EQUIPE ESCOLA	GT	
	8. Encontro INSPIRA-AÇÃO – PROJETO DE VIDA- VINÍCIUS ALVES	PARCERIA	GT	COMUNIDADE
	9. Explorando Futuros: Visita à Mostra de Profissões - UFV/CEDAF	PARCERIA	GT	UFV/CEDAF
	10. Entre Palavras e Ações – A Voz Empreendedora da Dona Cotinha- Nos bastidores da Notícia	EQUIPE ESCOLA	GT	EDUCADORES
	11. Tecendo Futuros: Conectando Saberes e Sonhos	EQUIPE ESCOLA	GT	EDUCADORES
	12. Mapeando Saberes: Construindo Equipes para Tecer Futuros	EQUIPE ESCOLA	GT	EDUCADORES
	13. Visita Técnica da EM Dona Cotinha durante a SNCT(Semana Nacional de Ciências e Tecnologias) da Fiocruz BH	PARCERIA	ALI- SEBRAE	FIOCRUZ
	14. Nos Bastidores da Notícia – Comunicação Empreendedora em Podcast	EQUIPE ESCOLA	GT	EDUCADORES
ESCOLA 6 FUND 1 e 2	1. Cursos do SEBRAE no Portal	SEBRAE	ALI- SEBRAE	SEBRAE
	2. Prática Inovadora -Trilhos da História: Aprendendo com Tiradentes e São João Del Rei- visita técnica	EQUIPE ESCOLA	GT	EDUCADORES
	3. Família que Sonha, Caminha Junto- visita ao campus da UFV- Florestal	PARCERIA	GT	UFV/CEDAF
	4. Criação do Espaço Inovador de Aprendizagem e Formação da Comunidade Escolar	EQUIPE ESCOLA	GT	COMUNIDADE

Fonte: dados da pesquisa.

O engajamento demonstrado pelos estudantes reforça a ideia de que, quando as oportunidades são apresentadas como caminhos possíveis, os alunos assumem o protagonismo de suas escolhas, o que contribui para a redução do risco de abandono escolar e para a superação da visão limitada de que o único caminho é a entrada imediata no mercado de trabalho.

4.4 Etapa 4 ALI - Reflexão crítica e avaliação dos efeitos - 2 encontros

A etapa final, denominada “Avaliar”, consistiu em dois encontros fundamentados na reflexão crítica e na avaliação dos efeitos das intervenções realizadas. O processo foi considerado

altamente positivo e produtivo, permitindo analisar como as ações mitigaram a fragilidade da visão de futuro e da percepção de oportunidades. Através da aplicação dos diagnósticos de inovação e do radar-final, constatou-se que a mediação pedagógica intencional foi capaz de converter as forças das instituições - como equipes de gestão engajadas e recursos tecnológicos disponíveis - em resultados concretos de engajamento estudantil. O *feedback* das empresas parceiras, como a Alfa Engenharia, SICOOB e consultorias de RH, foi de total disponibilidade para novas ações, consolidando um ecossistema de apoio que antes era pouco apropriado pelos alunos. Os GTs avaliaram a iniciativa como um ponto forte do Projeto ALI Educação Empreendedora, expressando o desejo de tornar essas ações permanentes para garantir que a escola continue sendo um vetor de mobilidade social e que as oportunidades educacionais sejam efetivamente percebidas como trajetórias possíveis.

5 DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Este artigo possibilitou analisar as ações de uma proposta de Educação Empreendedora que favoreceram a vinculação de escolas da rede pública com o território e o mundo do trabalho, evidenciando seu potencial como estratégia pedagógica de aproximação dos estudantes da educação básica ao mundo do trabalho e de fortalecimento da articulação entre escola, território e práticas sociais. Os resultados da pesquisa indicam que as ações implementadas no contexto do Projeto ALI Educação Empreendedora contribuíram para transformações relevantes tanto nas práticas pedagógicas quanto nas percepções dos atores escolares envolvidos, especialmente no que se refere à ampliação da visão de futuro e ao engajamento dos estudantes.

Um dos impactos identificados refere-se à ampliação da percepção dos educadores quanto à importância de se abrirem ao território, reconhecendo o potencial educativo do entorno e a relevância de ações pedagógicas intencionais articuladas ao mundo do trabalho. A análise dos documentos evidencia que professores e gestores passaram a reconhecer que práticas contextualizadas e conectadas às realidades locais favorecem o interesse, a participação e o engajamento dos estudantes. Esse movimento dialoga com a literatura que compreende a escola como espaço sociocultural estratégico, capaz de atribuir sentido às aprendizagens e fortalecer o protagonismo juvenil (Freire, 1996; Dayrell, 2016)

Nesse processo, a opção metodológica pela pesquisa de intervenção mostrou-se adequada. Ao pressupor a participação ativa do pesquisador no contexto investigado, essa abordagem favoreceu a articulação entre investigação, intervenção e formação, conforme aponta Thiollent (2011). Os encontros realizados ao longo do desenvolvimento do Projeto ALI constituíram espaços de escuta, problematização e reflexão coletiva, onde, os educadores foram convidados a repensar concepções sobre juventudes, mundo do trabalho e o papel da escola na construção de projetos de vida.

Outro impacto relevante refere-se à ampliação da visão de futuro dos estudantes. A aproximação com o mundo do trabalho, contribui para que os jovens reconhecessem oportunidades existentes e refletissem sobre escolhas, interesses e possibilidades de inserção social e profissional. Ainda que a pesquisa não tenha coletado formalmente dados diretamente com os estudantes — o que configura uma limitação metodológica — levando à necessidade da escuta qualificada das juventudes ampliando a robustez das análises, conforme apontam estudos sobre juventudes e projetos de futuro (Corrêa; Alves; Maia, 2014; Almeida; Alves, 2021).

A Educação Empreendedora, enquanto abordagem pedagógica estruturante do Projeto ALI, mostrou-se fundamental para a aproximação entre escola, território e mundo do trabalho. O desenvolvimento de competências empreendedoras - favoreceu aprendizagens significativas e contextualizadas, contribuindo para o engajamento escolar e para a formação integral dos estudantes, em alinhamento com a BNCC e com autores que defendem a centralidade das competências na educação contemporânea (Dolabela; Fillion, 2013; Carvalho et al., 2022) (Sebrae (2020).

Ainda assim, a pesquisa de intervenção mostrou-se adequada e coerente com os objetivos do estudo, ao possibilitar e promover reflexões coletivas entre os educadores. Conforme destacam Thiollent (2011), essa abordagem produz conhecimento ao mesmo tempo em que transforma práticas e consciências dos sujeitos envolvidos (Freire 1996), aspecto claramente evidenciado ao longo do Projeto ALI Educação Empreendedora.

Conclui-se que as principais ações implementadas contribuíram significativamente para a aproximação dos estudantes ao mundo do trabalho, para o fortalecimento do engajamento escolar e para a ampliação da visão de futuro, com destaque para o impacto formativo sobre os educadores. A experiência analisada evidencia que a ativação do território como estratégia pedagógica constitui um caminho potente para integrar educação, trabalho e prática social, oferecendo subsídios teórico-práticos relevantes para gestores escolares, professores e formuladores de políticas públicas comprometidos com uma educação que dialogue com as demandas das juventudes contemporâneas e com a formação humana integral.

** Este trabalho contou com o apoio de ferramentas de inteligência artificial para normalização (ABNT) e suporte gramatical e estilístico (ChatGPT).*

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jorddana Rocha de; ALVES, Maria Zenaide. **Juventudes e projetos de vida**. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2021. (Série Cadernos Temáticos Juventude Brasileira e Educação). E-book.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 1996.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 26 jun. 2014.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

CAMARGO JÚNIOR, Ivo Di; VILA, Ícaro Luís Fracarolli (org.). **Educação empreendedora: uma resposta aos desafios do século XXI**. São Paulo: Mentis Abertas, 2020.

CORRÊA, Licínia Maria; ALVES, Maria Zenaide; MAIA, Carla Linhares (org.). **Cadernos temáticos: juventude brasileira e ensino médio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. (Caderno 6).

DAYRELL, Juarez (org.). **Por uma pedagogia das juventudes: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.

DOLABELA, Fernando; FILION, Louis Jacques. Fazendo revolução no Brasil: a introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 3, n. 2, 2013.

LEÃO, Geraldo; NONATO, Symaira. Juventude e trabalho. In: CORRÊA, Lícínia Maria; ALVES, Maria Zenaide; MAIA, Carla Linhares (org.). **Cadernos temáticos: juventude brasileira e ensino médio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. (Caderno 6).

LOPES, D. P. T. et al. Analisando um ecossistema de educação empreendedora a partir da experiência de uma instituição pública brasileira. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 10, n. 3, p. e2018, 2021.

MUNHOZ, Izildinha Maria Silva; MELO-SILVA, Lucy Leal. Preparação para o trabalho na legislação educacional brasileira e educação para carreira. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 291-298, 2012.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/>. Acesso em: 22 jan. 2026.

NONATO, Symaira Poliana; CORROCHANO, Maria Carla. **Juventudes e trabalho**. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2021.

NONATO, Symaira Poliana; DAYRELL, Juarez Tarcísio. **Por uma pedagogia das juventudes: educação e a pesquisa como princípio educativo**. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2021.

PINTO, R. M.; SILVA, S. B.; PENIDO, C.; SPECTOR, Y. International participatory research framework: triangulating procedures to build health research capacity in Brazil. **Health Promotion International**, vol. 27, no. 4, pp. 435–444, 2012.

SCHAEFER, Ricardo; MINELLO, Italo Fernando. Educação empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 60–81, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=441747930006>. Acesso em: 12 jan. 2026.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE). **Nota técnica 01: competências socioemocionais: referenciais mundiais e nacionais para educação empreendedora** Sebrae. Brasília: Sebrae, 2020.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE). **Termo de referência em educação empreendedora**. Belo Horizonte: SEBRAE/MG, 2020.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE). **Guia Metodológico - ALI Educação Empreendedora**. Belo Horizonte: Sebrae Minas, 2024.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

UEMURA, M. R. B.; VASCONCELLOS, L.; SILVA, L. H. da. Educação empreendedora na educação básica: uma revisão sistemática da literatura. **Revista de Ciências da Administração**, v. 25, n. 65, p. 1–22, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8077.2023.e86177>. Acesso em: 12 jan. 2026.

VILLAS, Sara; NONATO, Symaira Poliana. **Juventude e projetos de futuro**. Belo Horizonte: Observatório da Juventude da UFMG, 2014. (Cadernos Temáticos Juventude Brasileira e Ensino Médio).